

GOBO.COM NOTÍCIAS ESPORTES ENTRETENIMENTO VÍDEOS ASSINE JÁ TODOS OS SITES
VERDESMARES.com.br PROMOÇÕES • ÚLTIMA HORA • PROGRAME-SE

Diário
do Nordeste

29°
23°

AL@
REDAÇÃO

BUSCA
edições anteriores

FORTALEZA, CEARÁ | TERÇA-FEIRA | 12 DE MAIO DE 2009

TV DIGITAL

ENTREVISTA (11/5/2009)

Mauro Oliveira - Ex-secretário do Ministério das Comunicações



Como você avalia o atual cenário em que encontramos a TV Digital no país?

O Ceará tem uma participação muito importante na história da TV Digital. De certo modo, essa participação, aos poucos, tem sido esquecida...

Então, hoje, o Brasil tem uma conquista nacional, um modelo brasileiro de TV digital que está aí. Em 2004, quando eu estava no Ministério das Comunicações, isso estava em teste, parecia coisa de doido. Mas na verdade, quem estava errado sobre tudo isso era o Celso Ming. Ele fez um artigo que eu não posso esquecer: "A TV de Policarpo Quaresma". Chocou-me muito na época, porque nesse artigo, uma analogia com o romance do Lima Barreto, ele colocava que a gente era irresponsável, sem compromisso com o país, um bando de cientistas no Ministério atrasando o país.

Na época esse governo teve a coragem que o governo anterior não teve. O governo liberal do FHC ia comprar um dos três modelos (o japonês, o europeu ou o americano). Eles iam importar porque a pressão do mercado era grande. A idéia era fabricar logo pro cidadão comprar. Esse é o modelo capitalista vigente. Não é que o FHC e sua turma fossem irresponsáveis, não. É o modelo que é assim! Aí, então, o Lula entra em 2003. Se você ler o decreto 4.901, no primeiro artigo do decreto está claro: o Brasil institui o Sistema Brasileiro de TV Digital com o objetivo de transformar essa nova tecnologia em algo social.

Essa compreensão de usar a TV Digital como inclusão social não era óbvia. Foi uma decisão inteligente, histórica, à medida que o novo governo teve a visão de dizer o seguinte: aquele aparelho que tem na casa de todo mundo, em 95% dos lares, vai ser substituído por um computador. Na hora que você tem um aparelho que é uma coisa unidirecional e substitui por um computador, você cria um mundo de possibilidades. A interatividade é a principal delas.

Ora, o Brasil tem um problema de exclusão digital, onde apenas 10% a 15% da população têm acesso à Internet. Se você tem quase a universalização da TV analógica no País, então, a idéia é aproveitar a tecnologia chegada da TV digital, que é igual a de um computador, e tentar também resolver uma questão que é terrível para a sociedade brasileira: a exclusão digital. Assim, o modelo que o Brasil planejou, em que fomos chamados de loucos e irresponsáveis, deu certo, está dando certo e o cearense tem um mérito muito grande e esse mérito está sendo esquecido.

Qual seria esse mérito?

O ministro Eunício Oliveira tem um mérito que nunca foi dado a ele. Todo mundo está dando o devido mérito ao ministro Hélio Costa. No entanto, foi na época do Eunício no Ministério das Comunicações que a gente resistiu aos lobbies internacionais e a outros interesses para manter o modelo brasileiro de TV Digital, algo que se o Eunício não tivesse uma excelente equipe, incluindo vários cearenses, provavelmente não teria acontecido.

Até onde o modelo brasileiro está entrando nessa nova era?

Há um desconhecimento sobre a TV digital brasileira, plantado à época. Exatamente porque o modelo brasileiro fala de inclusão digital, é que nós temos uma arquitetura com interatividade. A arquitetura da TV digital tem camadas e, naturalmente, essas camadas não são 100% brasileiras. É como eu falo para meus alunos... Você tem o avião da Embraer que usa uma turbina importada. Eu vou dizer que o avião não é brasileiro só porque tem uma turbina que não é fabricada no Brasil, mas é importante no modelo do negócio? Claro que não! Dizer que o modelo brasileiro é japonês é errado. Chega a ser ignorância sobre o assunto. Em determinado momento da história da TV digital brasileira isso foi dito de forma proposital.

E quanto há de participação brasileira nesse modelo?

Isso varia com o tempo. No início, todo mundo dizia que o modelo brasileiro era o japonês, porque o hardware da nossa TV digital, a parte inferior dessa arquitetura, o alicerce, tem uma tecnologia japonesa cuja negociação nos permitiu não pagar royalties.

Se nós tivéssemos comprado integralmente qualquer um dos modelos (europeu, japonês ou americano), como o FHC queria comprar, nós já estaríamos pagando royalties hoje. O Brasil negociou; e negociou bem. No modelo brasileiro de TV digital, o alicerce, como dito, usa tecnologia japonesa; o primeiro andar, não tem jeito, todo mundo usa um padrão internacional de compressão de dados MPEG; mas o GINGA, essa camada da arquitetura que fica abaixo do telhado, é 100% brasileiro.

Tudo que nós veremos na TV digital (filmes, telejornais, propagandas, etc.) será software porque ela tem toda a estrutura de um computador. Como tudo é software, se nós não tivéssemos o GINGA, toda a nossa produção de conteúdo para a TV digital pagaria royalties, como pagamos nos sistemas operacionais proprietários. Nós iríamos entrar numa dependência igual a que o Brasil tem hoje no setor de celulares. Tudo importado.

Há uma grande jogada que a gente não festeja. O Brasil acaba de ter o GINGA reconhecido como padrão internacional pelo ITU-T, órgão das Nações Unidas para o setor de Telecomunicações. Estamos conseguindo levar o modelo brasileiro de TV digital à América Latina. Já fomos a Cuba, Venezuela, Peru. Com certeza, quem tiver adotado um daqueles três modelos internacionais vai estar pagando royalties.

A TV é um aparelho popular, mas os equipamentos ainda são caros e o sinal é para poucos. Como você vê uma mudança nesse cenário?

Em 2004, nós tínhamos 65 milhões de celulares no País. Hoje, nós temos 155 milhões, quase um celular por habitante. Se nós disséssemos no começo do século que todo cidadão, pobre, rico, criança, adulto, lavador de carro, padre, general, professor, etc., ia ter um celular em 2010, ninguém acreditaria.

A questão da popularização da TV Digital pode ser muito simples. o "set up box", o decodificador que permite o uso da TV Digital, tem tudo que um notebook tem, mais simplificado. Portanto, se fabricado em alta escala, o Brasil pode produzi-lo por U\$ 50,00. Basta que haja uma política pública de inclusão digital, nesse sentido: TV digital com canal de retorno para acesso à Internet.

Da mesma forma que o celular, eu não tenho dúvidas de que a popularização do "set up box" vai acontecer rapidamente. Por lei, dentro de 8 anos não teremos mais o sinal analógica, só o digital. Acho que em 3 anos, no máximo 5, não haverá mais TV analógica no Brasil. A interatividade, o acesso à Internet e a outros serviços digitais serão a grande motivação para essa popularização.

Em 2007, São Paulo começou a transmissão do sinal digital. Os "set-top-boxes" foram fabricados sem o GINGA. Só havia vídeo e som com melhores qualidades. Não tinha interatividade. Sabe o que aconteceu? Os usuários reagiram, isso eu acho extraordinário, e disseram: ninguém quer "set up box" sem interatividade! Resultado, vários "set up boxes" não foram vendidos. Então se você me pergunta se a TV Digital não decolou, eu digo que o que não decolou foi um modelo de TV digital sem interatividade. A falta da interatividade na TV digital é que não seduziu a população.

Não tem volta! A TV Digital vem e, no Brasil, mais cedo ou mais tarde, ela vem com interatividade com canal de retorno (acesso à Internet). É bom entender que o americano está se lixando para isso, porque em cada parte da casa ele tem uma TV e um computador conectado à Internet. Ele não precisa desse grande jeitinho brasileiro, genial, audacioso e que deu certo!

E qual foi o papel cearense nesse novo modelo de TV?

Em Setembro de 2004, se não estivessem lá no MC pessoas competentes e compromissadas com o País, a TV digital brasileira seria hoje um modelo importado. Em 2004 foi o auge da pressão da mídia e de outros setores interessados. Houve até uma reunião dos pesquisadores brasileiros na Bahia que queriam fazer "boicote" ao desenvolvimento das pesquisas porque, diziam, as especificações estavam erradas. Hoje tenho a convicção da grande contribuição dos cearenses para um modelo brasileiro de TV Digital. Não fora uma equipe de técnicos competentes lideradas por um ministro comprometido com o projeto, seria a faca e o queijo na mão para acabar o Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD), o projeto que pesquisava uma TV digital focada em um modelo social.

Quantas vezes o ministro me chamava no gabinete, pois afirmavam que TV Digital e Internet não tinham nada a ver. Eu dizia, então, ao ministro que não era o que os pesquisadores das universidades e centros tecnológicos brasileiros envolvidos com o SBTVD pensavam!'

Agora é óbvio, parece natural, mas em 2004 não era!

***Mauro Oliveira**, PhD em Informática, foi secretário de telecomunicações do Ministério das Comunicações no período 2004/2005.*